



**Construção de uma metodologia participativa de um banco-biblioteca de mudas e sementes como patrimônio genético e cultural, com a perspectiva decolonial e feminista com agricultoras da zona leste da cidade de São Paulo**  
*Construction of a participatory methodology of a Seed and Seedling Bank-Library as a genetic and cultural heritage, with a decolonial and feminist perspective with women farmers at the Sao Paulo city East zone.*

ITIKAWA, Luciana F.<sup>1</sup>; MANGABA, Juliana O. S. M.<sup>2</sup>; CARVALHO, Laura M.<sup>3</sup>. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), luciana.itikawa@gmail.com; <sup>2</sup> Faculdades Anhembi-Morumbi, juliana.o.mangaba@gmail.com; <sup>3</sup> CEUCI/ Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, lauramarcarvalho@gmail.com

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

### **Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** Os primeiros achados parciais da pesquisa desenvolvida na USP, Estudo Integrado de Agricultura Urbana como Patrimônio (INSUAH), com agricultoras da Associação de Agricultores da Zona Leste (AAZL) revelou que as hortas urbanas exercem importante papel em diferentes âmbitos da vida urbana: na agrobiodiversidade, com importante acervo de espécies; na segurança alimentar da comunidade; nas práticas associadas aos saberes popular, indígena e afrodescendente; na autonomia, sobretudo ligada a raça e gênero; e por ocupar espaços vazios, antes ociosos, como corredores ambientais urbanos. Pretendemos contextualizar a partir da perspectiva decolonial e do protagonismo das mulheres no processo de trocas, proteção e multiplicação de espécies para a produção de alimentos através de práticas agroecológicas. O objetivo é demonstrar o processo de elaboração de uma metodologia de construção participativa de um banco-biblioteca de mudas e sementes a partir das demandas concebidas por elas e para elas.

**Palavras-Chave:** agroecologia; sementes; patrimônio; decolonial; mulheres.

### **Contexto**

O início da construção metodológica de um banco-biblioteca de mudas e sementes com agricultoras da zona leste de São Paulo começou em 2023 inspirada na prática corrente entre elas de troca de espécies. São agricultoras familiares que trabalham em 10 hortas lideradas na sua maioria por mulheres pretas e pardas da periferia leste da cidade e que compõem a Associação de Agricultores da Zona Leste (AAZL). São na sua maioria de origem nordestina e têm um importante papel como guardiãs de sementes e mudas, a partir do manejo, conservação e uso sustentável da diversidade biocultural na cadeia alimentar. Algumas estão há até cerca de 30 anos trabalhando em espaços residuais públicos, sobretudo em lotes de concessionárias de serviços de energia elétrica, abastecimento, ou de companhias habitacionais, em um entorno com tecido urbano denso e árido.



A relevância de um banco-biblioteca de mudas e sementes parece ser estratégica em um contexto nacional e internacional de ameaças simultâneas à agro e sociobiodiversidades. Na escala nacional, diversas políticas desincentivam ou eliminam a proteção socioambiental: tentativas de eliminação da segurança na posse das terras dos povos tradicionais; incentivos de contaminação do solo e de plantas, desmatamento de biomas para atividades agropecuárias extensivas e construção de infraestruturas, etc. Na escala internacional, empresas multinacionais, ao concentrarem as patentes sobre espécies de sementes transgênicas, são *commodities* para monoculturas de exportação no mercado global. (Paim, 2020). Elas representam ameaça à agrobiodiversidade pelo risco de contaminação de espécies crioulas, devido à fragilidade da regulação nacional que não protege a integridade das mesmas. A escolha pelas perspectivas decolonial e feminista na agricultura se justifica na medida em que reivindicam refundar com outras matrizes civilizatórias. Propõem a negação da herança colonial como um sistema hierárquico de valores de raça e gênero que menospreza culturas de povos nativos e/ou escravizados e expropria a riqueza dos países periféricos (Kilomba, 2019). Além disso, procuram identificar o papel determinante da mulher na cadeia alimentar, sobretudo por pleitear a valorização do trabalho reprodutivo não remunerado. Também denunciam as violências estruturais que elas sofrem em seus territórios e se rearticulam objetiva (trabalho e renda) e subjetivamente (autoestima, sonhos, estudos) (Carvalho, 2022). As hortas urbanas também trazem a urgência do desenvolvimento urbano sustentável e enfrentamento às mudanças climáticas, na medida em que vão na direção contrária à aridez e ao aumento da temperatura através da cobertura vegetal.

### **Descrição da Experiência**

A manutenção, adaptação e o enriquecimento das sementes são atividades de preservação do patrimônio genético e cultural. A participação das mulheres no acesso aos insumos, cultivo, preparo, bem como na transmissão do conhecimento ancestral/popular (oralidade dos povos tradicionais), demonstra sua centralidade na cadeia alimentar. A iniciativa de pensar uma metodologia de um banco-biblioteca de mudas e sementes com protagonismo de mulheres pretas e pardas é também por observar que, na prática, elas já o fazem enraizadas no território e com espírito comunitário. Os valores culturais de povos e comunidades tradicionais foram historicamente desvalorizados nas ações de proteção da natureza. O paradigma ocidental criou uma falsa dicotomia entre natureza e cultura, refletida nas políticas públicas e nas formações acadêmicas. A integração das memórias e ancestralidades populares na agricultura é uma forma de proteger e valorizar as sociobiodiversidades. Por essa razão, fortalecer as agricultoras, suas identidades e laços comunitários é uma forma de colaborar com o reconhecimento, valorização da prática da preservação e multiplicação das espécies. A função estratégica delas com a comunidade é selecionar as espécies a partir das trocas daquelas que melhor se adaptam e suprem suas necessidades. Há uma extensa literatura que aborda metodologias no Brasil e no mundo. Partimos de princípios norteadores que advêm



de uma categoria elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), os Sistemas de Patrimônio Agrícola Globalmente Importantes (GIAHS), que nos ajudam a incluir 5 dimensões do patrimônio e que constituem nossos conjuntos de indicadores: 1) agrobiodiversidade; 2) segurança alimentar da comunidade; 3) sistemas de conhecimento local e tradicional; 4) sistemas de valores e cultura de organizações sociais; 5) características da paisagem. Apesar de GIAHS ser uma classificação que reconhece experiências notáveis de patrimônio na agricultura, na sua maioria rurais, são úteis no contexto urbano. Entre as várias vertentes de metodologias, existem alguns estágios/princípios em comum que tomamos como base: 1) ações de sensibilização/capacitação voltadas à agrobiodiversidade associadas ao conhecimento de povos tradicionais; 2) identificação de sementes crioulas; 3) formação técnica em produção de sementes contemplando produção, armazenamento, beneficiamento, análise da qualidade técnica, seleção, melhoramento participativo, colheita, maturação fisiológica, colheita de frutos, secagem, limpeza das sementes, teste de germinação, condições de armazenamento, etc. (Moreira, 2023). O início da 1ª etapa começou em fevereiro deste ano com o planejamento do calendário, elaboração dos parâmetros e uma primeira rodada em 5 hortas para calibrar e registrar os indicadores. A 2ª etapa é o processo formativo participativo para referências tanto a partir da troca dos saberes entre as agricultoras, quanto do aprendizado com outras referências; a 3ª etapa será para constituição do banco-biblioteca de mudas e sementes com as fases a serem definidas por elas.

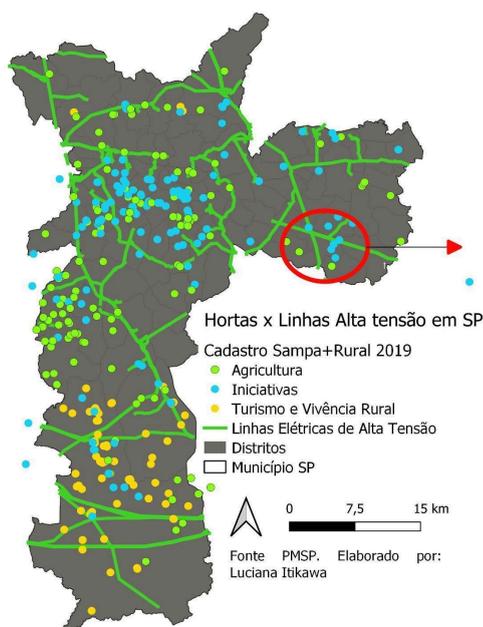
## Resultados

As primeiras duas etapas acontecerão no ano de 2023 e a 3ª nos anos subsequentes. Alguns dos primeiros achados de campo em 5 hortas urbanas da AAZL (Figura 1) são: 1) agrobiodiversidade: as hortas demonstraram ser um *locus* privilegiado de um acervo muito amplo de espécies de plantas para alimento, tempero, medicinal e uso religioso, trazidas por elas e outras agricultoras de várias partes do Brasil; e de seus clientes, alguns aconselhados pelos seus médicos do Sistema Público de Saúde; 2) segurança alimentar e de sustento: todas as hortas visitadas demonstraram dar exclusividade ou priorizar a canalização da produção à comunidade no entorno; 3) sistemas de conhecimento local e tradicional: os saberes e práticas nas hortas são a soma dos conhecimentos aprendidos com os antepassados das agricultoras do Nordeste e a sabedoria popular local trazida pelos clientes, com importantes influências das matrizes africana e indígena; 4) sistemas de valores e cultura de organizações sociais: a liderança de mulheres pretas e pardas nas hortas, a articulação em rede com troca de sementes e mudas, as demonstrações mútuas das técnicas de cultivo, a articulação com entidades (Sesc Itaquera), movimentos sociais da região (Central de Movimentos Populares) e terreiros de matriz africana; a presença de relações horizontais em cooperativas mostram que o espírito coletivo comunitário e com protagonismo feminino predomina; 5) características da paisagem: apesar de estarem em um contexto



urbano denso, com fraca segurança na posse e por ocuparem os restritos espaços residuais entre os usos residenciais, de serviços e infraestrutura, tornam úteis aqueles que eram antes ociosos ou impedidos de serem ocupados para terem destinação de usos sustentáveis. Além disso, por elas optarem pela agrofloresta, transformam áreas até então áridas e secas, em corredores ambientais urbanos.

Figura 1: À esquerda, mapa com hortas cadastradas no programa Sampa+Rural da Prefeitura de São Paulo (elaboração própria). À direita, acima (mapa) e abaixo (foto), a 1ª horta (Sebastiana) estudada (assinalada em vermelho), ao longo dos linhões de alta tensão elétrica.



## Agradecimentos

Agradecemos às agricultoras que nos receberam; à Regiane Nigro, coordenadora da AAZL; ao prof. Frank Lohrberg, coordenador do projeto; ao prof. Renato Cymbalista, da FAU-USP, à Fundação Volkswagen, à FAPESP, processo N.º 2023/04126-0.



## Referências bibliográficas

CARVALHO, Laura Martins; TAIT, Márcia. **Agricultura na Cidade**: o cultivo de alimentos e do comum pelas mulheres. São Paulo: Ícone, 2022

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOREIRA, Vladimir. **Sementes de Hortaliças**: guia prático para produção de sementes. Carmo da Cachoeira: Irдин, 2023.

PAIM, Elisangela Soldateli. (org) **Resistências e Re-existências: Mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia**. Fundação Rosa Luxemburgo. Editora Funilaria, 2020.